

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
Teremos Sempre Michael Curtiz  
15 de Abril de 2025

## FIAKER NR. 13 / 1926 “A Tipóia nº13”

*um filme de* MIHÁLY KERTÉSZ / MICHAEL CURTIZ

Realização: Michael Curtiz / Argumento: Alfred Schirokauer, a partir da novela *Le Fiacre N° 13*, de Xavier de Montépin / Fotografia: Gustav Ucicky, Eduard von Borsody / Música: Willy Schmidt-Gentner / Cenários: Paul Leni / Interpretação: Lili Damita (Lilian), Jack Trevor (François Tapin), Paul Biensfeldt (Jacques Carotin), Walter Rilla (Lucien Rebout), Max Gülstorff (antiquário), Valeska Stock (Madame Coco), Sophie Pagay (Linotte), Albert Paulig (mestre de ballet), Carl Ebert (Henri Landon), Lili Damita, Jack Trevor, Walter Rilla.

Produção: Phoebus Film, Sascha Film (Alemanha, Áustria) / Cópia: em DCP, preto e branco, mudo, com intertítulos em alemão e legendagem eletrónica em português / Duração: 117 minutos / Produtor: Arnold Pressburger / Estreia Mundial: 6 de Março de 1926 / Primeira apresentação na Cinemateca.

---

com acompanhamento ao piano por Daniel Schvetz

---

*“I put all the art into my pictures. I think the audience can stand.”*

Michael Curtiz

Adaptação de um romance que já tinha sido filmado por Alberto Capozzi em 1917, e que terá nova adaptação em 1948 por Raoul André e Mario Mattoli, **Fiaker nr. 13** parte da obra de Xavier de Montépin para abordar a história de Lilian, filha de um homem rico, que é encontrada em bebé por um condutor de carruagens parisiense (a “tipóia” do título da estreia portuguesa do filme), que a cria como sua filha. Foi durante as suas filmagens em Paris, onde parte dos exteriores foram rodados, que Michael Curtiz, que então ainda assinava Mihály Kertész, conheceu Harry Warner, um dos quatro irmãos Warner, que se encontrava na Europa à procura de novos talentos. **Fiaker nr. 13** é o filme que antecede **The Third Degree**, o primeiro realizado para a Warner Bros., depois da chegada do “rebaptizado” Curtiz aos Estados Unidos em pleno 4th of July.

Paul Leni foi o responsável pela direção artística de **Fiaker nr. 13** e Gustav Ucicky (com Eduard von Borsody) pela fotografia, áreas que se destacam claramente num filme de um realizador que partilhava o nome com um dos grandes fotógrafos

húngaros, André Kertész, que inclusive chegou a ser seu vizinho em Budapeste. Passando a curiosidade, **Fiaker nr. 13** é um filme de transição. Não apenas foi realizado numa fase avançada do mudo e pouco antes da referida determinante transição geográfica do realizador, como é um objecto em que se cruzam a inventividade que caracterizava o melhor cinema de Curtiz deste período, e alguma formatação aos modelos vigentes num cinema que visava claramente o entretenimento.

Na sua introdução aos *The American Films of Michael Curtiz*, Roy Kinnard e R. J. Vitone definiram com clareza as qualidades do cinema de Curtiz, que se desenvolveriam nos anos que se seguiram, depois dos seus cerca de oitenta filmes mudos europeus, que antecipavam a centena de longa-metragens norte-americanas, que realizou entre 1926 e 1961. “Chegado à Warner Bros. em Hollywood, Curtiz depressa estabeleceu a sua reputação como o trabalhador incansável. Tornou-se um realizador rápido, confiável, claro, que frequentemente abraçava as longas durações para conferir autenticidade aos seus filmes.” Curtiz ficou conhecido pela autoexigência que estendeu às suas equipas, mas também pelo modo como se preocupava com o detalhe e com a inovação visual, algo que o terá deixado um pouco frustrado nos primeiros anos na Warner face ao que descreveu como “uma certa imobilidade da câmara”.

Em **Fiaker nr.13** encontramos-la muito liberta, visível nos ângulos e perspectivas improváveis que ficariam também associados a alguns dos mais ousados filmes de Curtiz. No que respeita ao rigor documental, Curtiz não necessitou de se ambientar para o conseguir – como o fez para outros em que frequentou assiduamente os meios que filmou –, pois o meio do filme era algo que conhecia bem. René Noizet, numa monografia sobre o cineasta, dirá que este é um dos últimos três filmes rodados por Curtiz na Europa e que os três tinham em comum a vontade de dar um papel de destaque a Lily Damita, jovem actriz francesa, que conheceria o sucesso na Áustria e na Alemanha. Curtiz permitiu-lhe “brilhar nas cenas de music-hall, e muito em particular no casino de Paris. Os seus dons foram utilizados ao máximo em cada um destes três filmes”: **Dar Spielzeug von Paris** (1925), cujos exteriores já haviam sido rodados em Paris (e na Bretanha), **Fiaker nr.13** e **Der goldene Schmetterling**, também de 1926. Entre eles o crítico destacou sobretudo **Der goldene Schmetterling** que, para lá da participação de Lily Damita, partilhava com **Fiaker nr.13** os impressionantes décors de Paul Leni e a fotografia de Gustav Ucicky.

Ex-actor durante os anos que precederam o seu trabalho como realizador, Curtiz chegou inclusive a trabalhar durante a sua juventude como trapezista num circo. Como temos visto, o mundo do espectáculo constituiria o ambiente ideal onde fervilhariam os desejos humanos a explorar por Curtiz, seja o dos pequenos circos de província (**The Third Degree**, o seu filme seguinte) ou das companhias ambulantes (**Good Time Charley**, **Noah’s Ark**, **Mammy**, todos do final dos anos vinte).

Joana Ascensão